A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II — NUMERO 59 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES

O HORRIVEL DESASTRE DA JUNQUEIRA

Um automovel chocou violentamente uma carroça de ortaliça matando o seu pequeno conductor. A mãe da creança assistindo á morte de seu filho perde momentaneamente a razão. O automovel como louco, atropela e mata ainda um transeunte.

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 59

LISBOA 28 DE FEVEREIRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. - CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Uma grande exposição de pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Joaquim Lopes—um grande artista portuense—acaba de abrir uma exposição dos seus trabalhos, que vem quebrar, pela sua forte originalidade, os nossos banais certamens de arte.

Pintor moderno, no mais nobre conceito que estas palavras podem exprimir, Joaquim Lopes merece da critica do publico um acolhimento entusiastico. O *O Domingo Ilustrado* felicitando o artista, felicita a população de Lisboa pelo belo espectaculo d'arte que a realização desse certamen representa.

Uma ideia do Sr. Dr. Alfredo Guizado

O ilustre vereador da Camara Municipal de Lisboa, Sr. Dr. Alfredo Guizado, teve a ideia duma batalha de flores, em maio, na Avenida. E' uma ideia linda—mas é tambem uma ideia perigosa. As batalhas de flores que a Camara e outras entidades têm promovido, foram sempre uma autentica chuchadeira, reles, porca, e que não merecem nunca a nossa aprovação. Claro que o que o Sr. Dr. Guizado fizer, será outra coisa. Mas, já lhe dizemos, é dificil—muito dificil, realizar qualquer aspecto elegante e atraente.

Não basta convidar o nosso bom amigo Augusto Pina, empreiteiro oficial dos festejos publicos, nem dispor de todas as flores e mais hortaliças camararias. Apezar de dispor desses elementos, pode comprometer num fracasso o seu bom nome de organizador e de homem de gosto—tão dificil é a tarefa.

Unico!

Na secção da Rua, dum jornal de informação, insuspeito, lia-se o seguinte num dia destes: «os dois aspirantes foram presos então, e conduzidos á esquadra do Teatro Nacional. Aqui, generalizou-se a desordem, tendo intervido varios oficiais que nada conseguiram. Por fim, o capitão Menezes levou os aspirantes para a Escola de Guerra, onde ficaram presos.»

E mais adiante, noutra local, a proposito dum conflito entre soldados e marinheiros no Largo de S. Domingos: «Interveio então a policia, tendo-se travado vivo tiroteio, etc.». Quer dizer: na esquadra *generalizou-se a desordem*; na refrega, mal entrou a policia, *houve logo tiroteio*.

Nós acatamos a autoridade. Mas assim, camarada!—não nos venham vêr!

UMA RAZÃO

O «touriste» medroso—Mas porque não põem aqui um aviso dizendo que o sitio é perigoso!
—Já se pôz, mas como não caía ninguem, tiveram de por em outro siti . . .

Má lingua

MODAS SEM BORDADOS

Nesta poeirenta aldeia citadina
por mais que os meus amigos não concordem,
a questão da «toilette» feminina
'stá na ordem do dia;—ou na desordem...

Não tarda que nos grandes armazens
como alto florescer primaveril
a cobiça das filhas e das mães
faça pagar aos paes escudos mil...

Tudo coisas com nomes esquisitos,
tecidos complicados e attrahentes,
mais caros quanto mais forem bonitos,
isto é, quanto mais forem transparentes.

A saia é curta?—Os fitos femininos
são conquistados em combates calmos;
como acontece aos bichos masculinos,
já hoje a saia não se mede aos palmos.

Foi-se o espartilho e veio a cinta? E' claro.
A virtude conhece-se na pinta.
Até o proprio povo, faz reparo
em que bom não será quem se não sinta.

Combinações? E então? Porque não ha-de
essa leve roupagem cor de aurora
servir tambem D. Maria Arade,
se serve o Sr. Silva a toda a hora?

O «soutient-gorge»? E' casto. Eu até digo
que é mesmo phylosophico e profundo...
Pois, brandindo a alavanca, um sabio antigo,
tendo um ponto de appoio, alava o mundo.

Tudo quanto á elegancia que resumo
faltar,—pouco será, se for á moda...—
tudo, tudo, acho ideal. Adoro o fumo
que nos põe a cabeça a andar á roda...

Alem disso, entre os homens, desconnexo
vae um doido ferver de almas sem juizo;
é natural que seja o bello sexo
quem procure implantar o paraizo.

E ninguem pode achar que seja asneira
visto que o homem tambem mostra bolha,
que quando um tóma o chá de uma parreira,
outra procure utilizar-lhe... a folha.

O que eu acho, palavra, ideia má,
e entendo que não pega com certeza,
é este figurino que nos dá
com ironia, a Illustração Franceza.

Conta que um costureiro de Paris
anda a espalhar um smoking *como o nosso*
entre as suas freguezas, mais gentis...
Com isso, francamente, é que eu não posso!

A unica virtude que eu achava
naquelle pavoroso casabeque
—e oxalá se pequei quando o pensava
que de futuro muitas vezes péque...—

a unica virtude, ia eu dizendo,
que me obrigava a não o aborrecer,
era que oppresso nesse estojo horrendo
pensava nos decotes que ia ver.

Não lhe tirem agora aquelle encanto
que já tinha o senão de ser reflexo,
mascarando horizontes de outro encanto
no feio fardamento do meu sexo.

Ou então, se as legiões do feminismo
avançam com mosquetes e bombardas,
votem tudo o que é saia ao ostracismo
e vejam-se tambem em calças pardas!

TAÇO

questão prévia

DECIDIDAMENTE a Primavera enganou-se. Depois de longos, interminaveis dias de chuva e tedio, um sol radioso começou a brilhar num ceu sempre azul, e uma temperaturasinha amena veiu dar razão aos patriotas que se orgulham tanto da excelencia do clima nacional como das rijas cutiladas de Afonso Henriques.

E porque não havia de equivocar-se a Primavera, antecipando-se na sua chegada, se numerosos indicios se verificavam que eram seus autenticos prenuncios?

As andorinhas afanosas já desde as ultimas grandes chuvadas se haviam instalado nos ninhos abandonados, e á tarde, sob uma restea de sol moribundo, vinham riscar os ares, ainda fôscos e turvos, com o seu vôo fulminante de setas despedidas. Pelos jardins citadinos, arbustos impacientes começam a deitar os botõesinhos de fora e as arvores, não querendo ficar atraz dos seus irmãos mais pequenos, apressam-se tambem a cobrir os galhos secos com a penugem verde e tenra dos primeiros rebentos. Nos corpos uma quebreira languida, nas almas os sonhos vagos eram igualmente prenuncios do desejo fisico e psiquico da antecipação da Primavera, que viesse neutralisar a tristeza do dúro, rigoroso, humido Inverno que sofremos.

Finalmente — e isto teria sido decisivo no equivoco primaveril — na face do sr. Antonio Maria da Silva mostrava-se um tão beatifico sorriso de paz e confiança, não obstante os boatos e as prevenções militares, que a Primavera acreditou que realmente estava atrazada e, largando de corrida, chegou com um mês de antecedencia.

Que ela se demore entre nós, a doce Primavera e que actue benéficamente em tudo o que pode sofrer a sua influencia criadora e apaziguante; que a sua antecipação nos não venha a ser descontada numa liquidação de inverno, com um saldo de tempestades metereologicas e politicas em balanço de fim de estação.

* * *

Os basbaques de Lisboa—e não conheço outros mais embasbacados—descobriram agora um novo motivo de basbaqueira. Todas as tardes, á hora de maior movimento da cidade, os basbaques reunem-se em assemblea geral no Rossio, na confluencia das ruas do Ouro e do Carmo com aquela praça, formando alas na beira dos passeios e guarnecendo a curva da linha dos electricos.

Um homem os reune e retem ali embasbacados: o policia sinaleiro, que regula o transito dos veiculos numerosos naquele cruzamento de arterias. Um funambulo de praça publica não reuniria mais curiosos, nem um comicio politico atrairia tanta concorrencia.

Confesso que tambem já me tenho detido entre a multidão numerosa, sacrificando alguns momentos da minha vida atarefada, mas não é o sinaleiro, com a ginastica complicada e energica do seu bastão branco, que me faz deter; são os curiosos e a sua curiosidade.

E' que o basbaque não se limita a embasbacar, gosta de comentar, pôr o seu juizo, emitir o seu parecer. Serpeando por entre os grupos, surpreendem-se opiniões pitorescas e reveladoras da psicologia de cada um. Os indolentes, a quem a propria vista do trabalho alheio fatiga, concordam entre si, considerando a gesticulação continua do sinaleiro:

—Aquilo ha-de moer uma pessoa!...

Os indisciplinados, para quem a ordem é sufocante como um pedregulho sobre o peito, rosnam tõrvamente:

—Fosse eu *chauffeur* e ia-lhe com o carro para cima!...

Aqueles para quem o que está bem está sempre mal, no podendo condenar a utilidade do serviço, tratam de amesquinha-lo:

—Para que será aquele espalhafato todo, por meia duzia de tipoias?

Os viajados, os que já foram a Badajoz a preços reduzidos ou conhecem as grandes capitais de as terem visto no cinema, aplaudem sem restrições:

—Lá fora não ha melhor!

Recomendo a nacionais e estrangeiros uma passagem pelo Rossio, ás cinco da tarde. Ali se pode surpreender, num resumo nitido, uma viva imagem deste país de sol e panria: um só homem a cumprir o seu dever e, em torno, algumas dezenas deles a dizerem mal, emitindo por cada cabeça a respectiva sentença.

Feliciano Santos

ECOS

Ir á tábua

E' D. Nuno? Não é D. Nuno? E' S. Vicente? Não é S. Vicente? E' o Infante? Não é o Infante? E' D. Afonso? Não é D. Afonso? E' osso? Não é osso? São miudezas? E' coração?

E as tapeçarias? E o caixão? E o pano do caixão? E' um buraco? E' um remendo para tapar o buraco? E' um buraco para tapar um remendo?

Não senhor. E' uma chuchadeira!

Xispas

A gravura a que se refere, foi-nos enviada por uma agencia de publicidade. A opinião continua a mesma felizmente...

Grupos Dramaticos na provincia

Promovido pelo pessoal da C. P. da estação da Guia está em organisação um belo grupo dramatico que dará sessões todas as semanas.

Já leu o CEGO DA BOA VISTA?

MÓDOS DE VÊR

—Este vinho tem sessenta anos!
—Pois olha que está bem pequeno para a idade!

HUMORISMO

crónica alegre

CARIDADE

O velho preceito biblico que manda dar esmola com a mão direita sem que a mão esquerda suspeite e vice-versa se o individuo é canhoto, vae perdendoo rego.

Li hontem n'um jornal, o seguinte que me deixou pasmado:

—«da Excelentissima e Ilustrissima Senhora Dona Balbina Maria Nepumoceno de Oliveira Lopes Simões e Silva, esposa do nosso querido amigo e arrojado comerciante, Joaquim Antonio Lopes Simões e Silva, Avenida Antonio Augusto de Aguiar, A. S. primeiro andar, direito, a quantia de cinco mil reis»—

Ora eu não quero duvidar da veia filantropica da Dona Balbina, nem por sombras pretendo pôr em critica o gesto expontaneo da Dona Balbina, longe de mim a ideia de vir para as colunas d'um jornal pôr em plano de menos reverencia, o coração bondoso da Dona Balbina, mas não posso deixar correr em claro, um nome tão avantajado com uma quantia tão minuscula na ponta, Senhora Dona Balbina!

Disse eu que já não se cuidava em seguir o preceito biblico e este exemplo vem reforçar o dito.

A Dona Balbina não só deixou que a mão esquerda descortinasse o manejo da mão direita, como até o foi contar aos apelidos do pae, do avô, da bisavó, do marido, do pae do marido, da mãe do marido, á rua, ao predio, e ao andar!

Não lhes parece gente, rua e andar a mais?!

Vinha a noticia na primeira pagina d'um jornal; sabido que a publicação de cada linha custa n'esse local a quantia de trinta mil reis, a apoteose do gesto da Dona Balbina, que levava dez linhas, ficou por tanto por trezentos escudos. Ora trezentos escudos por cinco mil reis, não concorda a D. Balbina que é relativamente barato?

Concorda com certeza e eu tambem concordo com V. Ex.ª e tanto que aqui deixo um alvitre: (já tenho deixado tantos que mais um não me faz falta).

Nas subscripções publicas, os dadivantes terão que dar um tanto por letra nos nomes proprios, e nos apelidos e mais esclarecimentos, a dobrar.

Estou certo que os nomes que apareceirão nas listas, são simplesmente; *Chicas, Maneis, Zés* e que a respeito de apelidos, será tudo filho de paes incognitos.

BANQUETES

Para a semana, lá temos outro banquete com trezentos e cincoenta talheres e respectivos pratos.

Isto de encher a tripa em nome do talento d'este ou d'aquele, parece que entre nós pegou de estaca ou antes de garfo, que tambem não é má forma de enxerto.

Não entendo como, para testemunhar o apreço, a consideração, a admiração ou outra zumbaia de qualquer especie, se enveréde pelo caminho do enchimento do estomago.

Ainda quando o motivo da comezaina provem de qualquer aniversario natalicio, vá; é habito velho desejar *muitos e bons* só depois do arrôto anunciar que o estomago está atulhado, e, como o habito faz lei, passe de barato; agora n'uma consagração intelectual, misturar a inteligencia com a necessidade organica do bife, incensar o talento com cabidela queimada no turibulo do esofago é que não me parece obra de grande geito.

Porque, de duas uma, ou a inteligencia é grau superior, elevado, nobre, e então o prosaismo do alimento não enquadra bem no ambiente, ou os banquetes de facto representam apenas um nome bizarro de casa de pasto ambulante e então a inteligencia não é para ahi chamada.

Um pintor faz uma obra, um escritor apresenta um livro, um tribuno faz um discurso e ahi temos nós a fatal inscrição e, consequentemente, os estafados filetes de peixe com todo o cortejo de carnes assadas e salada de agriões.

Será isto derivado da antiga lenda que diz que os artistas nunca teem que comer e quererão os admiradores escangalhar d'uma forma mais curiosa essa ideia, aplicando ao eleito uma empanzinadela para oito dias?

Ou será o caso que só mediante a influencia do vinho do Porto e do Champagne cada um se sinta sem vergonha para dar livre curso ás bôças discursivas?

Qualquer das hipoteses não faz grande sentido, o que não impede de serem mais ou menos possiveis.

Certo é, que isto dos banquetes de homenagem vai tomando proporções avantajadas. D'antes era nos aniversarios ou nas festas de inauguração de tratos comerciaes, que aparecia a comida como indispensavel laço de afinidades. Hoje por quaesquer dez reis de mel coádo, ou porque Fulano apanhou a cana dum foguete, ou porque Cicrano teve a sorte de ficar sem mulher a expensas de um tenente da artilharia da guarnição, ahi vem logo o almoço inevitavel com um sujeito a dizer no fim que não tem dotes oratorios e que, para puxar á lagrima, emborca um calice de licor *pela mãezinha do festejado que está lá em casa*...

E então, se um paciente não concorda em ir á festa gastronomica, voltam os banqueteiros—oficiaes com adjetivações de invejoso e mau amigo e cinico, que um desgraçado vê-se atonito, embora explique que razões do suco gastrico não lhe permitem pagodes.

Portugal é lauta bôda disse o D. Martinho com alguma razão.

D'acordo, mas especializem as bôdas porque, seguindo-se como até aqui, acontece irmos hoje a um banquete em honra de um mestre d'obras que fez um pau de fileira na perfeição e amanhã a outro, onde se admira o talento creador de um grande artista.

Que se deem almoços e jantares, mas que se tome em conta que isso não se deve fazer apenas para justificar o celebre logar comum: *«por dá cá aquela palha...»*

UM LIVRO

«Vale mais cair em graça do que ser engraçado», reza um antigo e sabio aforismo que, se tem muito de verdadeiro, não é menos certo que está sujeito á argumentação de qualquer que assim entenda.

Rir é bom. Deixem-se de coisas, que tristezas não pagam dividas, como diz ainda outro aforismo, idem, idem, como acima.

Uma gargalhada, bem solta, d'estas que deixam os ouvidos alheios a ganir, é para o figado, mesinha muito superior a qualquer estadia de vinte anos bissextos na Curía. N'isto creio que estamos todos de acordo, por isso, sem receio de que me chamem curandeiro, é que tenho a honra de participar á ilustre leitora que o livro de contos comicos *«O cego da Boa-Vista»*, remedio infalivel para a neurastenia, já se encontra á sua disposição em todas as livrarias... desde que pague, é claro...

HENRIQUE ROLDÃO

O BOM FILHO

—O meu pai comia muito e minha mãe comia pouco!
—E tu?
—Eu, chamo-me Filipe!

O que se lê

DEZ CONTOS EM PAPEL; (4.ª edição 8.º milhar) por André Brun.

Sob um titulo folgazão, André Brun publicou, há dezaseis anos, o seu primeiro livro. Não era apenas um pobre livro qualquer; era uma coleção, um maço de «dez contos em papel», dez contos que, trocados em miudos, davam sete histórias para fazer chorar e três para fazer rir...

Os dez contos de papel de André Brun são ainda uns dez contos fortes, dos que ainda valem cousa que se veja, daqueles que eram correntes, há dezaseis anos. Um desses contos (*A Micas*) foi mesmo trocado em moeda alemã, foi traduzido e anda incluido em selectas escolares alemãs; quem sabe se teria feito chorar alguns dos *«boches»* que andaram na guerra e lutaram com a «malta das trincheiras», que André Brun comandou...

Tendo em vista o sucesso da venda do seu primeiro livro e as horas de são entretenimento que êle tem proporcionado a tanta e tão boa gente julgo, no entanto, que o brilhante humorista deveria, para beneficio de todos nós, actualizar a proxima edição da sua obra, dando-nos «Duzentos contos em papel», ou seja, «dez contos» actualizados...

Tereza LEITÃO DE BARROS

RAZÃO FORTE

—Mas V. Ex.ª simpatisa tanto comigo porquê!?
—Sei lá! Naturalmente porque sou general de artilharia!

Curiosidades

PLANTA ASSASSINA

As folhas de uma planta denominada «Venus atrapamoscas» que se cria na California, absorvem qualquer insecto que lhes pousar em cima.

VIUVAS INCONSOLAVEIS

As viuvas do distrito de Coina, na Nova Guiné, teem obrigação de, durante trez anos, irem chorar junto da sepultura dos esposos uma hora, todos os dias.

EM UM MINUTO

N'um minuto a terra anda 1.080 milhas no seu movimento de trasladação, um raio de sol anda 11.160.000 milhas, um expresso uma milha, um cavalo a galope 836 metros e um homem a correr, 112.

N'um minuto nascem oitenta creanças e morre egual numero de seres humanos!

N'um minuto, fumam-se nos Estados Unidos 905 kilos de tabaco, são extraídas 200 toneladas de carvão, 61 de antracite, fazem-se 15 barris e cunham-se 121 dollars em moedas diferentes.

A AGUA E O VINHO

A digestão leva uma hora mais a fazer quando se bebe vinho do que quando se bebe agua.

Leia O CEGO DA BOA VISTA

O OURO

E A VONTADE DE OS HOMENS EM O FAZER

OS principios da alchimia, perdem-se na mais remota antiguidade. Se bem que «Zozimes Africanus» seja o primeiro alchimista conhecido, é certo que já na antiga Babilonia, Chaldéa e o velho Egipto eram certos os homens que se aplicavam á transmutação dos metaes, procurando esse simbolo que ficou na historia da alchimia com o nome de «Pedra Filosofal» e que outra coisa não era que ouro.

Thales, Platão, Aristoteles e Democrito foram alchimistas e ás tentativas da fabricação do ouro, deram muitos dos seus anos.

Leonardo da Vinci, Paracelso, e toda essa legião de fisicos, astrologos, alchimistas da edade media, estudavam grandes in-folios, levavam noites seguidas, vendo o cadinho derretendo um a um todos os sonhos de fabricar ouro!

Os arabes deram á causa da fabricação do metal cubiçado longos anos de estudo, uma biblioteca gigante, vedada aos não iniciados na grande sciencia, então tida e havida como pactuada com as forças ocultas e hoje oficialmente adoptada por todas as academias com o nome de Chimica.

Os filtros que endoideciam ou faziam perder de amores, os elixires da loucura, os venenos que matavam lentamente ou fulminavam n'um quarto de segundo e que, durante seculos foram tidos como feitiçaria, estão hoje catologados em todos os laboratorios, com outros nomes, com outros atributos que a sciencia vai descobrindo, mas... essencialmente os mesmos!

Fazer ouro, dispor do mundo e dos homens, foi o largo pensamento dos homens de todas as edades. Alguns, perante a impossibilidade de o conseguirem, desconcertados com as provas finaes, tinham como errados os ensinamentos que se passavam n'uma Kabala maçonica, e, se de facto foram impotentes para fabricarem o seu grande sonho, acharam um derivado, um tanto ouzado mas que, visto como defeza da sciencia é perdoavel.

Helmont, discipulo do grande Paracelso, deixou um dia um auditorio espantado quando, derretendo um pedaço de estanho, de mistura com varios elixires e drogas, apresentou aos olhos assobrados do rei uma lamina de ouro!

Simplesmente... ao cabo de tempo, verificou-se que... o ouro já ia para dentro do cadinho, escondido dentro do pedaço de estanho!

Wenzel Seyel, celebre chimico austriaco, conseguiu grande notoriedade fabricando ouro.

Dentro de uma retorta, despejava varios licores de cores vivas e alguns pós. Quando os liquidos ferviam, mexia-os apenas com o auxilio de um pequenino pau. Ao cabo de tempo, despejados os liquidos e evaporados os pós, o fundo da retorta aprezentava uma camada de ouro puro!

Mas... um dia o sabio, descuidadamente tocou com um dos pausinhos com que agitava as drogas, nas chamas do fogo e os espectadores viram que, de dentro do pau, pingava o ouro, ali introduzido para a operação!

A relação de todos estes casos de charlatanismo seria enorme. No entanto, na historia da alchimia ha, por vezes, factos que nos obrigam a acreditar que, se nem todos conseguiram achar a celebre pedra filosofal, alguns a obtiveram! E tanto assim é, que ainda hoje, sem o aparato novelesco dos antigos «Faustos», sem a consulta árdua dos pesados livros, mas sim á luz violenta dos laboratorios e com os melhores compendios de chimica, muitos homens de sciencia continuam procurando desvendar o grande segredo.

OS PRIMEIROS COMBOIOS DA EUROPA

Na Inglaterra, de Stocktan a Darlington (28 Km.) Setembro de 1825. Belgica. Moleiros a Bruxellas (20 Km.) Maio de 1835.

Baviera. Nuremberg a Furth (7 Km.) Setembro de 1835.

França, Paris a San German (19 Km.) Agosto de 1837.

Russia, San Petersburgo a Tsarkósé Selo (27 Km.) Abril de 1838.

Holanda Amsterdam a Dresde (117 Km.) Agosto de 1839.

Espanha, Barcelona a Mataró, Outubro 1848.

OS ANIMAES E A MUSICA

Os animaes menos sensiveis á musica são: Os gatos, os cães e todos os felinos.

Os animaes em que a musica exerce grande influencia são, pela ordem de sensibilidade:

Os lagartos, as serpentes, as aves, as aranhas e os cavalos.

OS ESQUIMAUS E O CHÁ

Os esquimaus preferem o chá a todas as bebidas. Muitas vezes, para o conseguirem, percorrem distancias enormes, que duram trez dias de marcha sobre gelo!

NAPOLEÃO E OS LIVROS

Napoleão tinha um grande amor á leitura. Para todas as campanhas, fazia-se sempre acompanhar de uma biblioteca composta de 40 volumes de obras religiosas, 40 de poemas epicos, 60 de poesias, 100 de novelas e 60 de historia.

Solução do problema n.º 57

	Brancas	Pretas
1	4-8	23-4
2	2-6	29-22
3	10-15	4-18
4	3-7	16-2-9
5	5-14-23-32	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 58

Pretas 1 D. e 6 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

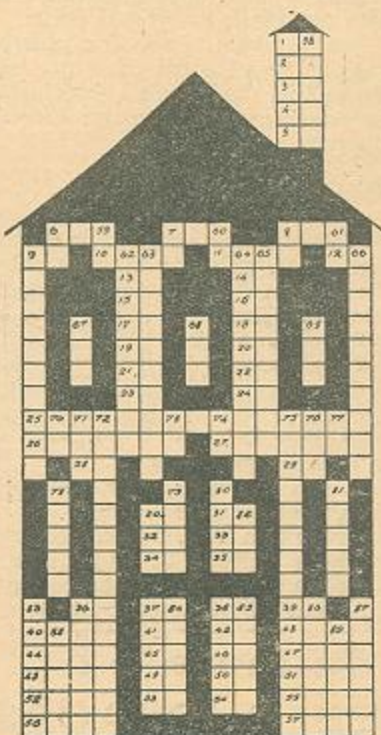
—

Resolveram o problema n.º 56 os Srs. Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), José Brandão, Sueiro da Silveira, Um oficial (Foz do Douro) e Vicente Mendonça.

O problema n.º 57, bem como o n.º 58 hoje publicado foram-nos enviados pelo amador, que se oculta sob o pseudonimo «Neulame».

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

Secção dirigida por LUIZ TROVÃO

Horizontaes.—1—Nome de homem, 2—Atmosfera, 3—Olha, 4—Eu (ant), 5—Nota de musica, 6—Labareda, 7—Alem, 8—Sol, 9—Anagrama de Sé, 10—A ponta da verga, 11—Animal, 12—Egreja, 13—Duas letras de ALGO, 14—Xe (ant), 15—Duas vogais, 16—Nota de musica em francez, 17—Amfibio, 18—Andar, 19—Preposição, 20—Especie de escomilha, 21—Adverbio, 22—Duas consoantes, 23—Anagrama de EA, 24—Duas vogais eguais; 25—Reconhecidamente, 26—Nome de mulher, 27—Anagrama de RAFADÃO, 28—Ditongo, 29—Duas vogais, 30—Anagrama de *md*, 31—Segunda pessoa dum verbo, 32—Pedra do moinho, 33—Lá (ant), 34—Elemento, 35—Moéda de cobre romana, 36—Duas consoantes, 37—Antigamente, 38—Duas letras ABA, 39—Aqui, 40—Andarei, 41—Carta do baralho, 42—Ditongo nazal, 43—Quatro letras de GANDRA, 44—Redondo em francez, 45—Andava, 46—Laço apertado, 47—Nome de homem, 48—Nome de mulher, 49—Duas consoantes, 50, Elemento, 51—Mana, 52—Membro da camara de Inglaterra, 53—Interjeição, 54—Nota de musica, 55—Bens, 56—Uma combinação das letras E. O. S. E., 57—Existirá.

Verticaes.—1—Peixe, 6—Antiga moeda de cobre, 7—Carta de jogar, 8—Nota de musica, 9—Literato sem merito, 30—Idolatrara, 36—*Tornar* em francez, 37—Nome de homem, 38—Trivial, 58—Substancia mineral, 59—Outra coisa, 60—Duas letras de LIGA, 61—Carta de jogar, 62—Ostentado, 63—Proporcionado, 64—Picada com o aguilhão, 65—Instrumento que indica o movimento da musica, 66—Roubar com subtileza, 67—Centro planetario, 68—Saudação romana, 69—Satelite da terra, 70—Duas letras de GALO, 71—Anagrama de *Ror*, 72—Instinto de alimentação, 73—Aqui, 74—Oferta, 75—Branda ebulição, 76 Adverbio, 77—Duas consoantes, 78—Solenidade, 79—Muita dedicação; 80—Vigia, 81—Alegre, 82—Isolado, 83—Nome de homem, 84—Retaguarda do exercito, 85 Fruto, 86—Muro de fortaleza, 87—Planta do Brazil, 88—Cilindros, 89—*Rimar* em francez.

Decifração do numero passado:—Horisontaes.—1—Ana, 2—Docel, 3—Arara, 4—Atira, 5—Soror.

Verticaes:—4—As, 6—Anastacia, 7—Lidia, 8—Folia, 9—Rato, 10—Raro, 11—Irra, 12—Ar.

NOTA.—Por lapso deixamos de dizer que o problema publicado no ultimo numero é da autoria do Ex.mo Sr. M. Relvas. Que o auctor nos desculpe. O presente problema é de autoria da Ex.ma D. Ida Pereira e Silva.

CORRESPONDENCIA

JOSÉ FREDERICO ULRICH.—Já algumas vezes aqui tenho dito que só servem os desenhos que são feitos em papel branco e a tinta da China.

LUIZ TROVÃO

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 58

Por J. J. O Keefe (1.º premio 1917)

Pretas (6)

(Brancas (6)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 56

Pela posição das peças e enunciado do problema verifica-se que as Pretas é que jogam primeiro e dão mate. 1 D toma P D cheque R toma D 2 Roque mate.

Se o R joga para 4 B D ou 4 R os Piões pretos fazem D ou B e dão mate.

Na Parceria Antonio Maria Pereira está á venda por 20 escudos o volume do Jogo Real por Alfredo Ansur 2.ª edição actualisada.

Resolveram o Problema n.º 56 os srs. Sueiro da Silveira, Vicente Mendonça e Nunes Cardoso.

O DOMINGO ilustrado

Manual do Perfeito Homem de Teatro

I

A ARTE DE SER EMPREZARIO

Os emprezarios dividem-se em duas especies, a saber:

EMPREZARIO DE ABSORÇÃO
EMPREZARIO DE INCLINAÇÃO

Emprezario de absorção é aquele que dá dinheiro na esperança de contrair amores com todo o pessoal feminino do Teatro.

Emprezario de inclinação é aquele que tem a mania de ser gerente e apenas procura no teatro uma maneira facil de ser falado e ter dinheiro.

Para qualquer d'estas especies não é preciso inteligencia. Aos primeiros bastam umas fabricas, lojas, esposa rica, sorte grande, navios de pesca, ou outro qualquer valor.

Aos segundos é preciso, descaramento, audacia, muito olho, e nenhuns conhecimentos da arte dramatica.

Os primeiros encontram-se á descarga dos vapores do Barreiro e rapidos do norte. Os segundos encontram-se a cada esquina.

Geralmente, é da junção d'estas duas especies que nasce uma empreza.

O emprezario, deve usar antes de mais nada, um mólho de chaves, andará sempre muito depressa para fingir que tem muitas coisas a resolver, amantisar-se-ha com a primeira figura feminina da companhia, escolherá um atror para jantar com ele, almoçar com ele, passear com ele, e dizer bem d'ele.

O perfeito empresario, não deve jamais abandonar estes principios basicos para o bom exito de uma empresa:

1.º—Montar traduções só feitas por rapazes dos jornaes.
2.º—Sempre que puder, intrujar os auctores.
3.º—Meter um minimo de dez cativos por noite, para si.
4.º—Tratar os criticos por V. Ex.ª, embora não percebam nada de assuntos teatraes.
5.º—Dizer que o sr. José Loureiro tem uma grande simpatia por ele.
6.º—Mandar fazer impressos para entradas de favor.
7.º—Dar a sua palavra de honra de que no verão, a companhia vai ao Brazil.
8.º—Satisfazer todas as borlas do Pedroso dos comboios.

O prefeito emprezario deve de vez em quando apear-se d'um automovel á porta do teatro e todas as quintas feiras, dar uma descompostura n'uma corista para impôr, respeito.

E' da sua conta distribuir bengalas aos homens da «claque».

Quando tiver falta de dinheiro, pode pedi-lo emprestado aos contratadores, empenhar o piano ou não pagar á companhia. Fazendo esta ultima coisa, passará á categoria de «empresario falido», especie muito mais categorisada que as acima descritas.

Quando não estiver de maré para pagar os ordenados, póde muito simplesmente ir para fóra, dizendo previamente que vai assinar o contrato para levar a companhia ao Brazil.

Ao empresario compete, estrelar actrizes, isto é, fazer de uma senhora da sua simpatia, uma actriz da antipatia do publico, bastando para isso, combinar o caso com o Elias dos cartazes, com o chefe da claque e com o chefe da policia em serviço no Teatro.

Aos empresarios é defeso:

Tentar disciplinar as companhias.
Exigir o fiel cumprimento dos contratos.
Pôr em duvida que as doenças da ultima hora, não sejam legais.
Oferecer menos de dez contos ás estrelas e mais de trezentos mil reis ás coristas.
Exigir que os actores e actrizes decorem os papeis.
Negar os vales aos seus contratados.
Marcar a data de uma primeira sem previo consentimento do mestre, do scenografo, do «costumier» e do porteiro da caixa.
Dizer aos auctores que as peças não são bôas.
Ter uma despesa seral inferior a cinco contos.
Dizer que o negocio teatral é um bom negocio.
Arreliar porque o pessoal não vai a horas para os ensaios.
Evitar que as actrizes regeitem papeis que não são para a «sua categoria».
Refilar com os camaroteiros quando estes se «fazem» com os contratadores.

á sucapa...

Outro oficio

A crise dos desempregados foi este inverno, qualquer coisa seria, entre a gente do teatro, e parece-nos, que no proximo verão ela se fará ainda mais acentuar.

Mas, que demonio, não estão os teatros todos abertos? Não andam pelas provincias varias «troupes»? Então porque está tanta gente desempregada?

Palavra de honra que até dá vontade de dizer tudo! Os actores e actrizes que estão desempregados (salvo rarissimas excepções, tão raras que quasi chega a ser favor mencional-as) não valem, como comediantes, um caracol!

Isto é que é facto! Quem tem qualidades, raramente está mais de trez mezes sem trabalho, e quando está, se realmente tem faculdades para ganhar a vida, facilmente encontra maneira de empregar a sua actividade! Mas... levantar ao meio dia á tão catita e o trabalho tira tanto tempo...

A crise teatral

Sabemos que um grupo de actores pretende fazer junto da Inspecção Geral dos Teatros, um protesto contra a vinda de companhias estrangeiras, alegando que essas mesmas companhias lezam os interesses nacionaes.

Nós não temos procuração do sr. José Loureiro, principal visado nesse protesto, mas sempre diremos que os actores pretendem, é uma asneira tremenda!

Pois senhores, acaso, antes da vinda da Companhia Velasco, as empresas estavam em bôa-hora?

E que mal pode fazer uma companhia que perde o melhor de dez contos por noite?

Meninos, é tempo de tirar as teias de aranha e dizer as coisas como são: Nunca as companhias estrangeiras fizeram dano ao teatro portuguez. A imbecilidade é que tem uma arma de dois gumes!

Façam qualquer coisa que não seja desageitada, que o publico chega muito bem para todos! Assim, tal como se tem feito, é que ele não aparece, no que aliás faz muito bem.

Companhias estrangeiras! Ora adeus! Juizo, criterio e orientação, é que seriam muito precisos!

á sucapa...

A revolução das vedetas

O sr. José Loureiro, chegou a Lisbor, e com meia duzia de conversas, desbaratou as projetadas temporadas de verão!

Para o Brazil vão trez companhias levando o que tem fama de ser o melhor que por cá existe em teatro alegre. De sorte que os ilustres empresarios, veem-se atonitos para conseguirem os seus elencos para o verão!

Achamos graça a esta piada do sr. José Loureiro tanto mais que o seu gesto vem obrigar os empresarios lisboetas á fabricação de novas «vedetas».

De quatro coristas já sabemos nós que estão em fila para passarem á categoria de primeiras actrizes, com cinco contos por mez!

O Comicio

Esta estafadissima questão do Teatro Nacional já tem dado tudo: Polemicas, perdizes, descomposturas, discursos, discordias, asneiras e agora, até dá um comicio!

Não sabemos o que se irá dizer na reunião de hoje no Teatro Avenida, mas de uma coisa estamos absolutamente seguros: Haverá muita palma, muito apoiado, muita afirmação, muito protesto mas a verdade, aquela verdade que todos os que lá vão sabem de cór, é que naturalmente ninguem terá o arrojo e o desassombro de dizer, porque emfim, tudo é muito bonito, mas em Portugal, moramos todos na escada e quem mora no andar de cima pode facilmente bater para o andar de baixo...

Todos estes ensinamentoa se resumem em dois:

Não perceber patavina de teatro e não o largar nem á mão de Deus Padre.

Tremidinho

NO PROXIMO NUMERO

II

A ARTE DE SER AUCTOR

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

PINTURA DE "AR LIVRE"

Pagina VERDADEIRA em que se descreve um pitoresco e ao mesmo tempo tragico episodio, em que um pintor sofre um pessimo quarto de hora

DIZIA-ME ha tempos um homem observador—e dizia-o com justiça: Portugal é um paiz de seis milhões de habitantes, em que seis mil vão a Paris e usam o verniz europeu; o resto é primitivo.

Já Eça de Queiroz afirmáva, embora lh'o levassem a mal: «Portugal é Lisboa. O resto é paisagem».

A verdade é que, tirando um ou outro centro de mais cultura, pela nossa provincia fóra ha regiões que vivem a um kilometro do caminho de ferro mas a um seculo da nossa civilisação.

E' o crime de Lavacolhos em que uma população inteira chacina uma familia; são agora as mulheres de Vilar de Andorinha a desenterrarem supersticiosamente cadaveres «impolutos»; é o terror selvagem e primitivo deste episodio que se segue, em que ha laivos de ferocidade medieval e de justiça sumaria.

* * *

A região portugueza experimentada primeiro, e mais duramente, pela guerra de 914 foi a do districto da Guarda.

Dali partiram os primeiros contin gentes de tropas, com o moral abatido, no momento incerto em que a guerra se tinha resolvido apenas em penadas diplomaticas e estava fóra de todo da alma do povo.

Houve lares donde desapareceram todos os homens validos. Secaram nesse outono triste de 1916 latadas doiradas, sem braços que fizessem, depois das chuvas de Setembro, as vindimas dos campos.

Havia uma revolta surda nas gentes. Os padres chegavam a pregar na missa o direito de desertar—e a desolação era geral!

* * *

Era esse o momento, quando cheguei a casa duns velhos parentes em Celorico da Beira — gente afavel, de brazão desmantelado no granito do portal, e larga varanda aceada e clara sobre a estrada da Beira.

Ali parei uma semana de paz, no soalhento burgo, com o bom queijo branco leitoso da serra, as noites estirado na bretanha fresca dos lençoes do casamento, e muitas desculpas das senhoras por ter vindo sem prevenir, e não terem contado com o seu «arranjo» na ultima feira.

* * *

Uma manhã resplandescente — um domingo — saí para o campo a pintar.

Levava as grossas botas ferradas, um fato de linhagem e o complicado arsenal do estirador, do banco e do guarda sol.

Mas andei pouco. Logo a baixo, á curva do caminho da Estação, um automovel conhecido estacou, entre rolos de poeira, junto de mim.

Tinham-me visto de dentro.

Gente amiga, de Trancoso, oferecia-se para me levar.

—Mas se eu não sei para onde vou! Ando a descobrir terreno! Aproveitei apenas umas centenas de metros—e segui no carro.

Realmente, meio quilometro andado, á margem esquerda da estrada, aninhada ao sol como seixos de oiro, uma aldeia pequenina repousava.

—Que é aquilo ali?

—E' uma aldeia. Chama-se a Ratoeira.

—Pois fico aqui já! Vou até á Ratoeira!

E desci do carro com o prometimento de que duas horas depois eles me viriam buscar para o almoço, numa quinta antiga, com imensas coisas para pintar.

Senti que uma pedra formidavel estoirara no chão...

* * *

Da estrada para o largo principal do logarejo seguia-se por uma tortuosa azinhaga duns cincoenta metros. Mal apontei ao topo do arruamento, logo no largo, esse povoleu dos domingos, nas aldeias, vestido de escuro, de varapaus, se reunia num molho, curioso, á minha aparição.

Ouvi então distinctamente uma voz que disse:

—Eh! Rapazes! E' um caixeiro de amostras!

E todos fizeram alas para eu passar, deixando indicada uma porta da unica locanda, como se infalivelmente eu me dirigisse para ali.

Foi pois com surpresa estupefacta que verificaram que eu seguia para deante, ao acaso, pelas vielas do logar á cata dum motivo que me desse uma «pochade» de aguarela,—e não entrava, como «caixeiro de amostras» a mostrar a fazenda.

Senti que atraz de mim ficavam no ar murmurios e interrogações desconfiadas, e que a minha extranha indumentaria e os meus apetrechos produziam uma impressão bem extraordinaria naquela gente.

* * *

No entanto, alguns passos mais, ao dobrar uma ruasita, arranjei um enquadramento que me pareceu interessante, e preparei-me denodadamente para trabalhar.

Mal porem me tinha instalado, senti estoirar, contra o chão, uma pedra formidavel!

Era evidentemente um alarme de agressão. Olhei para traz. A rua estava deserta e ninguem nas portas ou janelas.

Um minuto depois, e rapidamente, voltei-me de imprevisto. A' esquina surgiram dois rapazolas que recuaram, para logo avançarem com mais cinco ou seis, já homens.

Ergui-me, e o grupo, provocante, com um á frente mais destemido, dirigiu-se para mim:

—Olá, ó tiosinho, que anda vomecê por aqui a fazer? Para me fazer entender, respondi-lhe:

—O que vê, a tirar vistas...

—Vistas de quê? tornou o rapaz.

—Vistas destes sitios...

—E para quê?

—Isso é comigo. Coisas para mim.

Levaram-me para o velho pelourinho da aldeia entre apupos e ameaças...

Mas olhe lá, isto não é uma rua publica?

—E' publica, sim senhor! E' nossa! Mas diga lá, para que quere vomecê as vistas?

—São quadros, nunca viu?

—Retratos?

—Sim, retratos.

—Ah! vomecê é retratista!

Então os outros avançaram em chusma. Vá, toca a tirar aqui o retrato á gente! Se é retratista — tire ahi o retrato!

Protestei que apenas fazia quadros daquilo que me interessava e que não fazia retratos—mas era positivamente estar a discutir com seixos dum rio.

Atraz desse grupo outro se juntou, ameaçador.

—Vomecê não anda aqui por bôa! berrou uma voz—E logo o mais atrevido, chegou-se a mim e intimou-me:

—Vamos! O que é que você anda aqui a fazer!

—Vamos a ele! Vamos a ele!—gritaram os outros.

Uma velha, hirsuta, selvagem, gritou rouca, duma baiuca de soleira: Se calhar é algum dos da guerra!

E um velho, de baixo, concordou com ar entendido e profetico, e considerando os tubos de tinta espalhados já nas mãos dos garotos:

—Algum plantador da guerra!—Não foi preciso mais!

Senti-me despojado de tudo o que levava. Entre apupos e encontrões levam-me erguido e esmagado. Eram dezenas e dezenas de pessoas, que corriam de todas as casas, numa balburdia feroz. Havia foices no ar, e sobre a minha cabeça pairavam terriveis varapaus e cajados.

Toda a raiva e toda a revolta contra a guerra, estoiravam sobre mim, como uma maldição.

Mulheres desgrenhadas corriam ao meu encontro, com os filhos nús ao colo, gritando congestionadas:

—Está lá! o meu homem está lá—malandros! E as creanças não tem pão!

—Matem-no! Matem-no! berrou desvairada uma coxa que me cuspia o fato e me lançava da sua imunda boca formidaveis pragas.

—Senti-me agarrado pelas costas. Tres homens possantes ergueram-me aos degraus do Pelourinho do largo, uma velha coluna salomónica do tempo de D. Manuel, sobrepujada pela esfera e pelas quinas portuguesas.

Estremeci! Era plena edade media! Chamaram dois velhos para serem juizes—os «homens bons» do feudalismo—e fizeram-me um interrogatorio em forma, aspero e terrivel.

Tinham-me arrancado o chapeu. O sol, como fogo, incendiava-me as fontes. Com as mãos atadas gritei, protestei, clamei que fossem a Celorico, chamar o administrador! Que eu não era um bandido!

Uma mulher, terrivel, com duas creanças agarradas ás saias, subiu os degraus e apertou-me a boca:

—Cala-te! Cala-te malandro!

—Cá onde elas se fazem é que se pagam!

Então, perdi os nervos, e desenvencilhando uma mão, empunhei por um momento uma pequena Browing que me não tinham levado.

—A ele! a ele!—gritaram todos.

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 7

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

AQUELE RAPAZ DE CALÇA AMARELA...

Deliciosa pagina de romantica ternura que lembra a «manhã de sol» dos Quinteros e onde passa a delicadeza alada de certas heroinas de Garrett

CONHECI Madame Genoveva Santomar atravez uma miniatura do Visconde de Menezes - o delicioso pintor do ultra romantismo português.

Era uma radiante formosura, glabra, quasi magra, a boca fina dos italianos de Renascença, os olhos rasgados, obliquos, verdes, como os fenicios dos retábulos primitivos de Constantinopla. Tinha aquela doçura espiritual e sorridente das mulheres de raça pura, e um ar de nobre e farta pomba, naquele seio apertado no largo decote romantico, eliptico, ombro a ombro, negro sobre o jaspe do colo. Caíam-lhe sobre a testa os bandós ondeados como duas azas de corvos, negras e opulentas. Era uma beleza, Genoveva Santomar, quando aos vinte anos, em Napoles, pousou num «Studio» do «Corso Milano» para o jovem artista português, Visconde de Menezes, lhe esquissar num marfim, palido de medalhão, a deliciosa e intima miniatura que eu tive nas mãos...

* * *

Genoveva Santomar tinha tido, com a morte da sua boa amiga Margarida, o maior desgosto. Ela era velha e cançada. E agora, aos oitenta anos, na gloriosa velhice dos seus cabelos de prata, isolada no mundo, a boa senhora não sabia dispensar os carinhos daquela creada e santa amiga que foi para ela, no luto da viuvez, como nas loucas alegrias de noivado, a mais dedicada, a mais terna, a mais fiel companheira.

Foi pois como imperiosa e inevitavel necessidade que M.me de Santomar recorreu áquele banal anuncio do «Diario de Noticias»' pedindo uma aia, que lhe acompanhasse com algum calor de carinho os ultimos dias da sua vida serena. E apareceram muitas. Mas o seu procurador era exigente—e Genoveva por detraz do seu «lorgnon» de oiro, sorria triste áquele desfilar de pretenciosas damas de companhia, onde a miseria e o ridiculo corriam parelhas.

* * *

Foi tomada ao serviço, Suzana—uma menina de bôa familia, como ela propria se intitulou, filha dum oficial morto na guerra. Suzana era uma pobre pequena da meia burguezia lisboeta: 5.º ano do liceu, as olheiras dum sonho em que aparecia um noivo, simpatico como os galãs de cinema, o seio magro, uma timidez discreta no lançar do pé pequenino e uma penugem doirada sob os labios frescos e sensuais.

Ficou, e a senhora, no seu belo sorriso de bondade, achou-a muito geitosinha. Nessa semana Genoveva Santomar e a sua nova aia foram para o Miramar do Estoril, ver ombar um desses outonos de oiro, sumptuosos e calmos, e que são a gloria suprema desta terra.

* * *

Nas horas tranquilas da varanda, frente ao mar, sobre as preguiceiras de palha ou no balanço sereno dos «rocking-chairs» — Genoveva e Suzana— uma velhice encantadora e um encantador despontar de todas as graças em flor—conversaram longamente.

Suzana, na palidez duma tarde violeta, quando o estuario do rio era em baixo uma toalha rota de prata, ao luar, confessou os seus amores.

Era um sonho tão simples!

E contou que ele era um marinheiro, rude, mas bom. Que rondára a casa,

Era uma radiosa formusura, na pintura do Visconde de Meneses...

dias, semanas, mezes. E que um dia lhe escrevera. Mas a mãe não queria. Achara-o inferior á filha—e a ideia de que o pae fôra um oficial, afastava-a, por todas as convenções sociais, daquele humilde coração que a escolhera, vendo nela apenas a pobre rapariga que costurava para fóra. Viera para dama de companhia, respondera ao anuncio, para o esquecer, para cumprir o desejo da mãe.

E, no entanto, se ele pudesse deixar a marinha, e ser um empregado, um negociante, fosse o que fosse, sem aquela farda que o tornara inferior aos olhos da mãe—seriam todos felizes. E, na varanda, sob a luz tremula e baça do luar de Outubro—ouve esse silencio morno das desgraças que não têm comentario...

* * *

Quem era? No hotel conheciam-no desde que se abrira o estabelecimento. Nunca falhara. Vinha ali ao Estoril passar o dia de finados. Porquê? Ninguem o sabia. O seu cartão do chaveiro tinha a caracteristica das targetas inglezas: W. R. Turner. Era um homem alto, escanhoado, magro, correto, britanico. Mas falava português como um lisboeta. Era singularmente afavel com as creanças, e fumava um cachimbo enorme, de tabaco forte. Trazia, apesar da epoca, uma «gersey» de seda escura, e umas calças claras, amareladas, extranhas. Falava ás vezes sosinho, levantava-se cedo e tinha sempre flores no quarto, que os creados ou ele proprio traziam de Lisboa. Tal era Mr. Turner, do consulado britanico de Cadiz, e «habitué» anual do Mont'Estoril...

* * *

Genoveva Santomar desceu com Suzana á varanda banhada de sol. Era um reverbero o jardim, onde os crisantemos de oiro brilhavam como topazios, á luz da manhã.

Houve um silencio enorme e prolongado nos tres hospedes indiferentes. Madame de Santomar fixou muito Mr. Turner.

Dir-se-hia que os seus olhos penetravam todo um mundo diferente, ao percorrerem a silhueta nervosa desse ingles, agora todo debruçado sobre as hastes secas das glicinias. Depois, quando ele se afastou, a velhinha, limpou longamente uma lagrima suave e murmurou:

—Viu aquele rapaz de calça amarela?...

—Qual?

—Esse.

—Mas era um velho...

Vieram as duas á varanda do Miramar...

—...ou esse «velho» de calça amarela, tem razão...

—Vi. Porquê?

—Porque... Porque... olhe Suzana, o marinheiro que é seu noivo parece-lhe um bom coração?

—Parece-me o melhor de todo o mundo!

—Ha-de dizer-lhe que tem um pequeno capital para iniciar outra vida... serei eu que me privarei de si, para que vivam juntos, como devem.

—Mas que surpresa, meu Deus!

—Suzana, meu amor, a historia repete-se, repete-se sempre. Se eu tivesse tido quem trouxesse até á minha posição aquele «velho» que viu ali na varanda—eu teria agora um amparo e não sentiria a sua falta.

—Então?...

—Sim, Suzana, uma historia simples como a sua. Ele era tambem um marinheiro pobre. Eu era rica e usava um nome nobre. Todo o mundo se poz entre nós dois!

E circumdando o olhar pela praia ainda deserta áquela hora, Genoveva Santomar, a doce velhinha, estendeu ainda a cabeça branca para o ver e murmurou:

—Aquele rapaz de calça amarela... Aquele rapaz de calça amarela...

O Reporter Misterio

PINTURA DE "AR LIVRE"

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

Não tive tempo de disparar: um cajado lançado por traz, diz-se-hia que me quebrára os dedos. Deixei cair a arma. Um rapaz apanhou a pistola, a qual, mal manejada, se disparou, ferindo um cão.

O estampido e o uivo crisparam-me os nervos. Fechei os olhos... Que seria de mim! Ia morrer estupidamente...

* * *

Uma voz amiga chamou-me. Era uma creada da casa, que passando na estrada e vendo aquele ajuntamento, viéra, na sua jumenta, saber o que se passava. Quando abri os olhos ainda ela subia os degraus, toda apressurada para me desamarrar:

Ora que tal está o desafôro! A prenderem assim o sr. doutor! Ai o que hade de dizer a minha senhora! Ora nan viram? E vomecês preparem-se que isto vai tudo preso!

Então isto é coisa que se faça?

Nan que isto nan fica assim! Não que o sr. administrador já logo o vai saber! Ora os cães!

Fora que são doidos! Olha nam viram!

—E, toda rubra, ajuntara os apetrechos, no meio de estupefacção geral.

Os mais atrevidos curvavam-se agora. As cabeças mais altivas descobriamse; as mulheres tinham murmurios de perdão e algumas resavam.

Na estrada a silhueta do automovel amigo surgiu. Eu cahi aniquilado entre almofadas do carro—e olhei desoladissimo a aldeia tranquila ao sol, como seixos d'oiro.

. . . .

A' noite, em Celorico, o administrador prometia-me, sem lho solicitar, prender a freguezia toda — mas pedia-me, pelo amor de Deus, para evitar a vergonha da terra — que não dissesse nada *ao Seculo*...

VARIA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Cantareira, 2—Acistano, 3—Materia, 4—Busca, 5—Cacholeta, 6—Barracão, 7—Piloirada, 8—Biblo, 9—Obradorio, 10—Charabasco, 11—Malventuroso, 12—Emanação, 13—Dos feridos se fazem os mestres.

CHARADAS EM VERSO

[Sem melindre, á ilustre confreira Zelia Borges *e ao* Lhalha *para ele tomar juizo]*

1

Aqui jazem sepultadas,
Esquecidas para um canto,
Formosas tranças doiradas
Que d'alguem eram encanto.

Em vida, foram amadas—2
Com afecto puro e santo;
Mas na morte, abandonadas
Sem de ninguem terem pranto.

Apenas á sepultura,
Vai a *taça* da amargura—2
Sorver, quem muito as amou...

Com palavras ternas, mansas,
Pede a Deus as loiras tranças
Que uma *tampa* separou.

Lisbôa — D. VASCO (Da T. E.)

[Ao meu neófito amigo e confrade Lord dá Nozes *com vista a...]*

2

Uns olhos p'ra serem belos
Precisam de ter fulgor;
Que prendam em seus anhelos.
Que exprimam vida e amôr.

Eu *por* mim idealisei—1
Uns olhos da côr dos ceus,
Mas como os não encontrei,
Busquei-os da côr dos meus.

Encontrei tantos assim
Que nem os pude contar,
De nenhuns gostei, por fim,
Por achar a côr vulgar.

Olhos castanhos são belos
Na mulher que, fartamente,
Possua longos cabelos,
Duma côr aurifulgente.

Cabelos fulvos, sedosos,
Olhos castanhos, fulgentes,
São lindos, maravilhosos,
São como estrelas cadentes.

Olhar mais *fascinador*—2
Jamais se pode encontrar;
Tem tal ternura e candôr,
Que se não pode egualar.

Exprime graça e magia,
Tem encanto e sedução,
A's vezes melancolia
Mas fascina o *coração*.

Lisboa — CAMARÃO (T. E. e G. E. L.)

[A Alguem]

3

Amo-vos: que esta palavra
Que vos comunico ancioso
Por nós seja compreendida,
Como pede um amoroso.

Acreditar-me-heis, senhora?
De joelhos vos imploro
Que acrediteis meu amor,
Porque eu só a vós adoro.

Para que eu possa viver—1
Com alegria e ventura,
Preciso primeiro ter
O vosso afecto e ternura.

Mas, senhora, pensai bem,—1
Sêde sincera e leal,
Porque eu quero possuir
Um amôr ao meu egual.

A minha *dor* é eterna—1
Por vós vivo a suspirar;
Mas levarei minha vida
Como um *poeta* a cantar.

Lisbôa — LORD DA NOZES (da T. E.)

CHARADAS EM FRASE

(A todos os ilustres colaboradores d'esta secção)

4 *Em* cartas que por vezes recebo queixam-se-me—aliás dum modo *delicado*—muitos decifradores, de que o grão do meu «Moinho» é muito *duro*.—1—3

REI-FERA T. E.)

5 *Tira-te d'ai* ou atiro-te já *com* esta *moeda*!—2—1

Coimbra — HICCO-ZONHI

6 Pela *maneira* que o «*poeta*» se apresenta, ve-se que é muito *pretencioso*—1—2.

AFRICANO

(Ao Bistronço,

7 *Despreza* a caneta que me faz *pena* de te ver *desprezado!*—4—1

Lisboa — LHALHA (Da T. E.)

(A HOFE, *com uma cerveja de premio se a matar de cara)*

8 *Em logar* de ser você, «*calculo*» que sou eu que a bebo. Não acha isso uma *coisa irregular?*—1—2

LHALHA (T. E.)

9 Estive sempre satisfeito *até* comer a *fatia* e beber a *agua pé*.—1—2

BISTRONÇO (T. E.)

10 Nestas *proximidades* ha uma tal *abundancia* de calçado, que o não posso *desprezar*.—2—1

Lisboa — DROPE

11 Quem tem o *costume* de *roubar* tem que saber *seduzir*.—2—2

D. VASCO (T. E.)

[Ao amigo Rei do Orco]

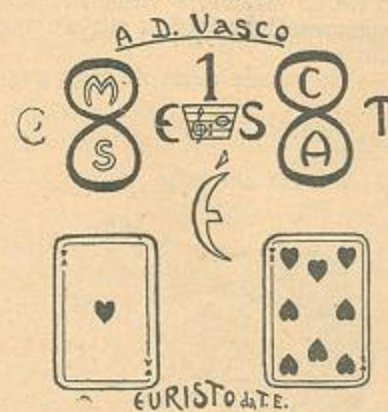
12 *Porque* chora *ele?* Quererá mais *bôlo?*—1—1

Matosinhos — ARSENIO LUPIN (T. E.)

13 Encontrei o confrade «Lhalha» e disse-*lhe*: Não notas que *estreitas* com a tua filosofia as *disciplulas de Xenofanes?*—2—2.

AVIEIRA

14 *Decorre* a *epoca* em *divertimento*.—2—2.
15 A «*mulher* do *titular* é do *estrangeiro*.—2—2

Tortozendo — TEPF.

ENIGMA FIGURADO

ILUSTRES CONFRADES:—A pedido do ilustre charadista e assiduo colaborador *Robur*, lhes comunico que de futuro passa novamente a adoptar o seu primitivo pseudonimo: *D. Vasco*.

REI-FEIRA

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

MADEMOISELLE DE SAINT GENEVE.—Equilibrio moral, força de vontade, ideias proprias e independentes, espirito de justiça. Caracter vivo e inteligente, generosidade bem entendida; ordem de ideias; bom gôsto, dignidade, curiosidade, ideias religiosas puras, sem fanatismo, boa memoria e bom coração. (Como vê, não encontro defeito nenhum portanto não tem que os corrigir.

F. P. COSTA.—Muitos nervos, poucas ideias mas muita energia para pôr em pratica as que tem. Tenacidade, orgulho espiritual, lealdade, pouca generosidade sentimento de poesia, ordem, ambição, má memoria e bom diplomata quando quere.

G PININHA.—Ideias e espirito subtil, bom gosto, amor pela estetica e á simetria, temperamento apaixonado, energia moral, boa saude e portanto boa disposição, boa memoria, ordem, generosidade, reserva e discreção, orgulho sem vaidade.

PERO SECO.—Força de vontade media, elevação nas ideias, bom gosto, caracter pensativo e um tanto pratico, energia moral, nenhuma vaidade, curiosidade, generosidade pouca, ordem, espirito deductivo e analitico.

CLARA SABUGA.—Tem grande afinidad com a analise acima, só me parece um tanto mais fraca de vontade e mais expansiva de caracter.

A. Z.—Temperamento nervosissimo, é tão bom como mau, inteligente e preguiçoso, pouca vaidade e muito orgulho, energia intermitente. Bom gosto literario, imaginação a mais, generosidade, desordem e aceio,

ALSAMA.—Caracter ingenuo, com mais experteza que inteligencia, sonhos de ambição, amor á leitura, boa memoria, generosidade (sem pensar), vaidade pueril, bom coração.

UMA QUE ADORA UMA FLORA.—Caracter practico, meditativo, ordenado, prende-se facilmente «pelo habito», inteligencia, paciente e constante, nervos fortes, generosidade bem entendida, espirito ironico... «com espirito», bom diplomata, ambicioso e com força de vontade.

BRITO.—Pelo contrario creio que os defeitos que tem (aos meus olhos de grafologa) são agradaveis ás mulheres, taes como impectuoso, expansivo, generoso; um tanto mentiroso, com imaginação pletorica de ideias e imagens, um tanto vaidoso... emfim um pouco poeta tambem...

Qualidades, todas para agradar: E' pouco trabalhador e muito inconstante; talvez elas o adivinhem por isso.

TRIGO ROXO.—Orgulho desmedido de si proprio lealdade, generosidade, energico e audaz, imaginação grande e fantasista, bom gosto artistico, espirito de protecção, caracter facilmente irascivel, nervos muito fortes e bem dominados, sabe mandar.

VIOLETA DE PARMA.—Força de vontade media, mundanismo, trato afavel, espirito subtil, pouca vaidade para ser mulher! Ideias elevadas, bom gosto, energia moral, boa memoria e culto da recordação, amor pela vida, optimismo, caracter dedicado e cultura sem pedanteria.

ANTONIO TIMARGO.—Boa força de vontade, energico, inteligencia clara, amor á estetica, nervos fortes, amor aos livros, ideias proprias, caracter independente, leal e generoso.

TEOFILO BATALHA.—Orgulho de si proprio e do nome, sentimento de poesia, optimismo, temperamento sonhador mas muito bom caracter, inteligente, apaixonado, amante da discussão, curiosidade, um poucochinho mentiroso.

XXX.—Chegou o dinheiro, sahirá no proximo numero.
22 DE SETEMBRO.—Saiu no n.º 57.
TRIPEIRO DA COSTA.—Sahirá breve.
UM CORAÇÃO QUE SE ACHA SEDUZIDO,—Idem

DAMA ERRANTE

Muito importante,—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

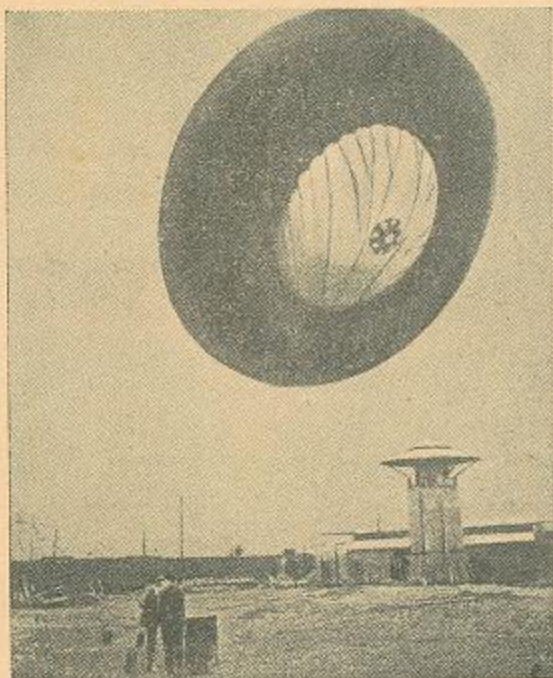
Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Publicidade

FAZ-SE A BARBA A 9

Actualidades gráficas

ORIGINALIDADES

O reclame de uma grande fabrica de pneus alemã. Um aerostato em forma de pneu que, numa recente exposição despertou as geraes atenções. A certa altura o balão quebrou o cabo e... foi cair sobre uma fabrica de automoveis que ficava a oito kilometros de distancia.

AS POMBAS DE SÃO PAULO

A celebre catedral de São Paulo, em Londres, tem como a de São Marcos, em Veneza a sua decoração de azas. A curiosa fotografia mostra bem a confiança das lindas aves, confiança impossivel no Rocio, onde tambem os pombos existem, mas as creanças não.

TENNIS FEMININO

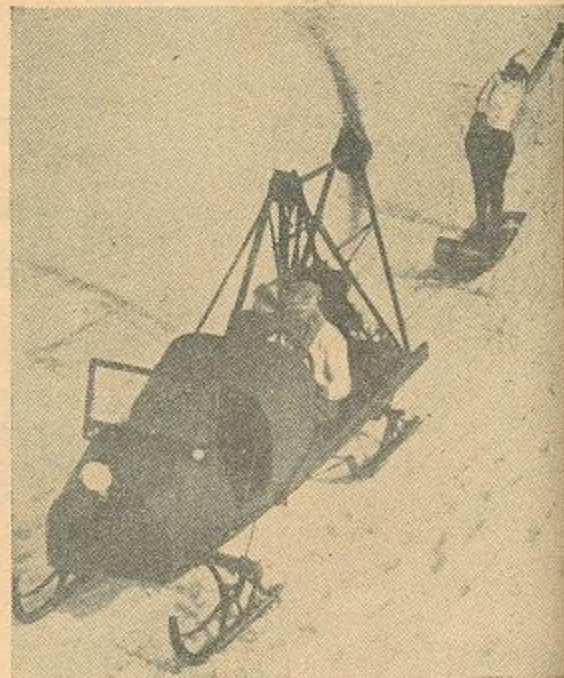
Mademoiselle Lenglen após a sua brilhante vitoria sobre miss Wills, em Cannes, teve uma apoteose de flores, que são ainda a melhor medalha de honra para uma mulher.

(Cliché Mougins & C.º—Marselha)

NA ALGERIA

O BARBEIRO DA RUA.— Pitoresco costume que tem qualquer coisa de atentatorio para as posturas camararias. Que a C. M. L. se acautele...

SPORT DE INVERNO

TRENÓ AUTOMOVEL.— Comodissimo meio de condução, sobre a neve, e ainda gosando a vantagem de não ser muito possivel furar uma camara d'ar...

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

Lion em Lisboa

RUA AUGUSTA, 259 a 261

TELEFONE N.º 2373

Casa especialisada em sedas, veludos, peluches, astrakans, sombrinhas e outros artigos de alta novidade para senhora, sob a direcção tecnica de Manuel Cardoso, ex-gerente da secção de confecções da Casa Africana.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ENVIAM-SE AMOSTRAS

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

Companhia de Moagem Lisbonense

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital 3.000:000$00 Escudos

FABRICA NOS OLIVAES

Farinhas, Semeas, Cereaes, Legumes.

ESCRITORIO: — *RUA DE S. NICOLAU, 119-1.º*

TELEFONE: — CENTRAL *3580*

TELEGRAMAS: — *MOAGENSE*

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO *ilustrado*

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$80 SEMESTRE, 26$40
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O MORTO MISTERIOSO DO CLUB DOS PATOS

No meio da alegria buliçosa do club aparece morto numa cadeira o gerente Mazzolini. Quem matou o italiano? Eis o misterio que se discute na Lisboa mundana dos clubs.